

OLÍMPICO

FERNANDO PIMENTA
EM ENTREVISTA

“QUERO SEMPRE MAIS”



INÊS HENRIQUES
50 KM A MARCHAR
PELO SONHO



NELSON ÉVORA
VOLTA AO LUGAR
DOS ELEITOS



COMITÉ OLÍMPICO
DE PORTUGAL



PARCEIRO OFICIAL
PROGRAMA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | EDUCAÇÃO

Mais longe na formação, mais alto nas ambições, mais fortes para a vida.

Apostamos na formação académica dos nossos atletas.

Os Jogos Santa Casa orgulham-se de ser o Parceiro Oficial do Programa de Responsabilidade Social do Comité Olímpico de Portugal para a Educação. Através de um programa anual de concessão de bolsas de estudo aos atletas olímpicos nacionais, acreditamos que a sua formação académica e empenho escolar, aliados ao mérito e talento desportivos, serão fatores determinantes para o sucesso das suas carreiras profissionais futuras e para a realização dos seus sonhos!

Jogos Santa Casa e Comité Olímpico de Portugal: uma aposta no futuro.



EDITORIAL			
A caminho de Tóquio 2020	5	GRANDES EVENTOS	
NOTÍCIAS	6	Festival Olímpico da Juventude Europeia	22
OPINIÃO		Jogos Mundiais	24
Luís Paulo Relógio, autor do livro "Direito do Desporto"	10	ELITE	
EM FOCO		Francisca Laia	26
Inês Henriques, campeã do Mundo dos 50 km marcha	12	NO PÓDIO	
Nelson Évora de novo no pódio	14	Catarina Rodrigues	27
Patinadores portugueses em destaque nos Roller Games	15	CLUBE OLÍMPICO	
Triatletas portugueses distinguem-se na Europa	16	Sport Algés e Dafundo	28
A ENTREVISTA		CONVERSA DE BALNEÁRIO	
Fernando Pimenta, campeão do Mundo e da Europa	18	Pedro Dias, treinador de judo	30
		OS MEUS JOGOS	
		Carla Sacramento	32
		FORA DE CAMPO	
		Cristina Esteves	33

<p>Capa Fernando Pimenta, Inês Henriques e Nelson Évora subiram ao pódio em campeonatos do Mundo</p>		<p>Fernando Pimenta tem o objetivo de conquistar 100 medalhas internacionais</p>		pág. 18
<p>Inês Henriques sagrou-se campeã dos 50 km marcha e bateu o recorde mundial</p>		<p>Catarina Rodrigues é dirigente da União Europeia de Judo e da Federação Portuguesa de Judo</p>		pág. 12
<p>João Pereira é campeão europeu de triatlo</p>		<p>Pedro Dias viveu uma grande experiência no Brasil</p>		pág. 16

OLIMPO PROPRIEDADE E EDIÇÃO Comité Olímpico de Portugal
Travessa da Memória, 36 · 1300-403 Lisboa · Tel.: 21 361 72 60 · Fax: 21 363 69 67
correio@comiteolimpicoportugal.pt · www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Cecília Carmo, António Varela e Pedro Moreira
FOTOS COP, Lusa, Marina Alves DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel / Atelier Gráficos à Lapa
IMPRESSÃO Rainho & Neves, Lda. TIRAGEM 1 000 exemplares PERIODICIDADE Trimestral NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203
DEPÓSITO LEGAL 9083/95 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



TOYOTA

SEMPRE
UM MELHOR
CAMINHO

**"MÃE,
COM UM TOYOTA AYGO,
LEVO EU A PIPOCA
AO VETERINÁRIO."**



**QUERES UM CARRO?
AJUDAMOS-TE
A CONVENCER
OS TEUS PAIS.**

queroumcarro.Toyota.pt

**Damos-te uma dica: 85€ por mês
é o melhor argumento.**

AYGO 85€
X-PLAY + AC + X-TOUCH mês

Entrada: 5.000€ . Prazo: 61 Meses

Última mensalidade: 3.795,32€

Montante Financiado: 7.598€

TAEG: 7,105%



AYGO 5p x-play + AC + x-touch. PVP: 14.130€. Preço exclusivo com desconto promocional de 1.500€, para financiamento através de crédito automóvel mediante aprovação do Toyota Kreditbank GmbH sucursal em Portugal: 12.598€. TAN: 4,262%, Comissão de abertura de dossier: 350€, Comissão de processamento mensal: 3€, Imposto de selo de abertura: 113,97€, MTIC: 9.539,49€. Campanha válida até 31/10/2017. Acresce pintura metalizada. Imagem não contratual.

Consumo combinado (l/100km): 4,1. Emissões de CO₂ (g/km): 95.

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

A caminho de Tóquio 2020

O COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL (COP) a seguir aos Jogos do Rio promoveu um conjunto de reuniões de avaliação dos resultados desportivos alcançados envolvendo Federações Desportivas, treinadores e atletas. No relatório da missão Rio 2016 consta essa avaliação, bem como a do próprio COP.

No final do mês de maio, e depois de auscultadas as Federações Desportivas, entregámos ao Governo e à Administração Pública desportiva a proposta para o Programa de Preparação Olímpica (PPO) destinado a Tóquio 2020.

À data em que escrevemos este editorial

– primeira semana de Setembro – aguardamos o entendimento do Governo e da Administração Pública relativamente a essa proposta.

É natural numa matéria de forte exposição pública que não exista apenas uma leitura desportiva. Existe igualmente uma leitura mediática e política dos resultados desportivos. As entidades públicas, ligadas ao processo de financiamento da preparação e participação olímpicas, têm igualmente uma apreciação que importa respeitar e tomar em consideração. Aguardemos então.

A posição do COP, mais do que uma posição tributária ou de reclamação, assenta numa atitude responsável de colaboração e de propositura no sentido em que os resultados obtidos nos Jogos Olímpicos elevem o patamar de qualidade exigíveis a quem participa no evento e que configurem, no essencial, a competitividade desportiva do país.

Como defendemos no nosso programa eleitoral o risco que temos pela frente, e que devemos evitar, é o de cair na armadilha de que um projeto de preparação olímpica é a chave de sucesso para a competitividade desportiva nacional e que por ele passa tudo. Não passa.

O outro risco é o de perdermos a noção do valor social do desporto e de uma participação olímpica e tudo ceder ao tecnocratismo pós-moderno que só valoriza o que é mensurável e nele o que corresponde a resultados desportivos “medalhados”.

Cabe-nos igualmente entender que a nossa ação é de responsabilidade partilhada com as Federações Desportivas o que significa respeito pela sua autonomia, pelo seu distinto grau de desenvolvimento e por conceções organizativas e políticas que podem ser diferentes das que partilhamos.



O acesso dos atletas ao Programa de Preparação Olímpica não é um fim, mas um meio para que a nossa participação olímpica seja melhor

Um respeito que não significa abandono do que defendemos, mas a perceção de que a parceria colaborativa, em que assenta muita da ação do COP, requer ponderação, equilíbrio, bom senso e sentido de convergência na gestão das diferentes variáveis que compõem o nosso trabalho. Usar a posição dominante para impor esta ou aquela solução é, a prazo, o caminho mais curto para o insucesso.

Mas se acreditamos nos méritos da gestão do PPO pelo COP em coordenação com as Federações não podemos abdicar de uma visão exigente sobre as nossas organizações, bem como sobre o papel do COP, das Federações Desportivas e dos clubes, pois aí reside o maior valor heurístico para resolver o sucesso desportivo.

Começando por pedagogicamente esclarecer que o acesso dos atletas ao Programa de Preparação Olímpica não é um fim, mas um meio para que a nossa participação olímpica seja melhor. ●



NOVE COMISSÕES CONSULTIVAS PARA “PENSAR E AGIR MELHOR”

As Comissões Consultivas do Comité Olímpico de Portugal (COP) para o mandato 2017-2021 tomaram posse constituídas por 78 membros distribuídos por nove áreas: Mulheres e Desporto; Marketing e Financiamento; Jurídica; Arbitragem e Ajuizamento Desportivo; Educação Física e Desporto na Escola; Treinadores; Cultura e Desporto; Ciência e Desenvolvimento; mais o Conselho Médico (ver composição integral em comiteolimpicoportugal.pt). Na sua intervenção, o presidente do COP, José Manuel Constantino, alertou para a necessidade de se promover “um desporto de causas e não de casos” e mostrou-se igualmente esperançado no valor que os conselheiros podem acrescentar ao trabalho do COP: “Com a vossa ajuda sabemos que não vamos mudar tudo o que no desporto precisa de ser mudado, mas estamos seguros que vamos pensar e agir melhor.”

ACES EUROPE DE VISITA A LISBOA

Gian Francesco Lupattelli, presidente da ACES Europe (Federação das Cidades e Capitais Europeias do Desporto), esteve na sede do COP durante a visita feita a Lisboa para avaliar a candidatura da cidade a Capital Europeia do Desporto em 2021.

Na ocasião, o líder da ACES Europe, que esteve acompanhado por Alessandra Caligaris, da MSP Itália, e de Nuno Santos, da ACES Portugal, ofereceu ao COP a oportunidade de nomear um representante para a comissão de avaliação das candidaturas de Cascais e Portimão a cidades europeias do desporto, em 2019. A delegação da ACES Europe foi recebida por José Manuel Constantino, presidente do COP, e João Paulo Almeida, diretor-geral do COP.

QUATRO CANDIDATURAS APROVADAS PELA COMISSÃO EUROPEIA

O Comité Olímpico de Portugal (COP) é parceiro em quatro candidaturas ao Programa ERASMUS+ Desporto que foram aprovadas e receberão financiamento da Comissão Europeia.

No projeto POINTS – Single Points of Contact for Sports Integrity – o principal objetivo passa por apoiar os Comités Olímpicos Nacionais, as Federações Europeias e as Federações Desportivas Nacionais da União Europeia na salvaguarda da integridade e no reforço da governação. Esta é uma candidatura relacionada com o projeto SIGGS, considerado uma “história de sucesso” pela Comissão Europeia.

O T-PREG – Training to Protect Reporting from Grassroots sports – visa ligar os desportos de base a ações de prevenção, envolvendo os desportos profissionais; e fortalecer os mecanismos que encorajam praticantes, funcionários e gestores do clube a relatarem o delito com um conjunto específico de ferramentas preparadas para o efeito.

No iSPORT – Investments in Sports for a Healthier European Society –, o objetivo é incentivar e apoiar a boa governação, como forma de aumentar os níveis de participação no desporto e na atividade física entre os Estados-Membros da UE, promovendo uma abordagem dos investimentos baseada em resultados.

Finalmente, o FLP – Financial Literacy Project –, no qual o objetivo é proporcionar aos atletas uma alfabetização adequada, por forma a evitar a vulnerabilidade em relação à manipulação de resultados, ao doping e a outras violações.

CONFERÊNCIA
**TRIBUNAL ARBITRAL
DO DESPORTO
UM ANO DEPOIS**

TRIBUNAL ARBITRAL DO DESPORTO EM LIVRO

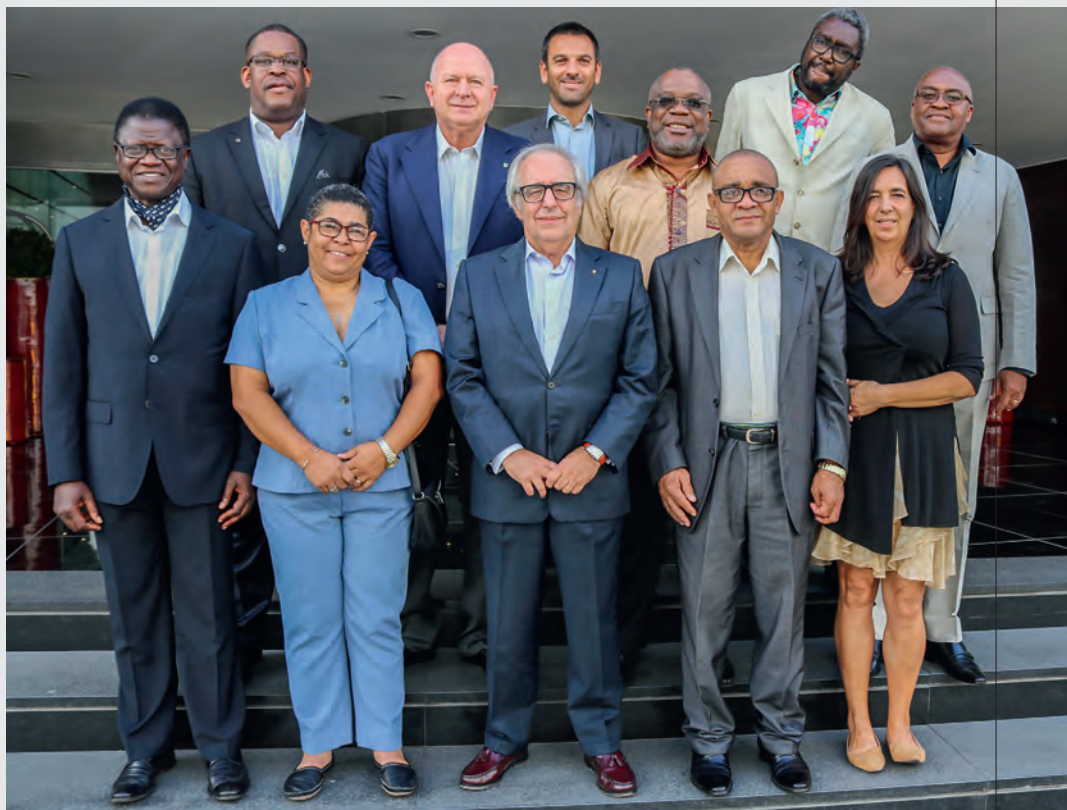
O COP editou uma compilação de comunicações proferidas durante o Seminário “Tribunal Arbitral do Desporto – Um ano depois”. Na obra estão ainda contempladas três intervenções das sessões de abertura e de encerramento, da autoria de José Manuel Constantino, Presidente do COP, Luís Paulo Relógio, Advogado e, na altura, Presidente da Comissão Jurídica do COP, e de António Bernardino Madureira, Presidente do Conselho de Arbitragem Desportiva do TAD.

São estes os temas dos textos publicados e respetivos autores: “A arbitragem necessária e os poderes do Juiz” – Ana Celeste Carvalho; “Publicidade das decisões arbitrais e dos pareceres do TAD” – Miguel Lucas Pires; “Estatuto do Juiz Árbitro e do mediador no TAD” – Pedro Melo; “A arbitragem necessária no Tribunal Arbitral do Desporto - Algumas Questões à volta das suas competências e do seu Funcionamento” – José Ricardo Gonçalves; “Arbitragem voluntária e impugnação da decisão arbitral” – André Pereira da Fonseca; e “A Jurisdição no TAD na perspectiva das partes” – José Carlos Oliveira.

ACOLOP ANALISA ESTRATÉGIA DE REFUNDAÇÃO

A Associação de Comitês Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP) esteve reunida em Lisboa para analisar os procedimentos a adotar no curto-médio prazo e perante o novo quadro criado com a saída do Comité Olímpico e Desportivo de Macau da presidência do Comité Executivo.

Os representantes dos Comitês Olímpicos Nacionais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Portugal debateram em particular a estratégia a adotar com vista a uma refundação da ACOLOP, que reforce a respetiva identidade como associação dos comités olímpicos de língua portuguesa num quadro de cooperação bilateral no espaço da lusofonia.



FÓRUM DO DESPORTO DA CPLP EM GONDOMAR

O 2.º Fórum do Desporto da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) decorreu em Gondomar para discutir e aprofundar o reforço da cooperação internacional na salvaguarda da integridade no desporto. João Paulo Almeida, diretor-geral do Comité Olímpico de Portugal (COP), foi um dos oradores convidados, tendo abordado os desafios e ameaças à integridade do desporto e os instrumentos que o COP implementa junto das federações neste âmbito. O painel foi moderado pelo jornalista Alexandre Afonso e teve a presença de José Lima, do Plano Nacional para a Ética no Desporto. A sessão foi presidida por João Paulo Rebelo, secretário de Estado da Juventude e Desporto, e contou com intervenções de Diogo Guia e Emanuel Medeiros (Internacional Centre for Sport Security), Salazar Picardo (diretor-geral do Instituto Nacional de Desporto de Moçambique), Gerson Melo (coordenador do desporto CMJD-CPLP), Jorge Carvalho (Instituto Português do Desporto e Juventude) e Camila Diógenes (chefe de gabinete do secretário-geral da organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, Ciência e Cultura).



Curso “Olympism for values education” na Lituânia

O Curso de Formação Internacional “Olympism for values education” foi uma das candidaturas selecionadas pela Comissão Europeia para cofinanciamento da UE sob a chancela do programa Erasmus+ Youth. Este curso é organizado pelo Comité Olímpico da Lituânia, sendo o Comité Olímpico de Portugal (COP) um dos oito parceiros deste projeto, a par de outras organizações Olímpicas e desportivas da Alemanha, Bulgária, Estónia, Itália, Letónia, Polónia e Roménia. O curso irá realizar-se em Druskininkai, na Lituânia, de 3 a 11 de novembro de 2017, e tem como objetivo dotar de novas competências os jovens professores e educadores que têm vindo a desenvolver atividades no âmbito da Educação Olímpica.

INTEGRIDADE NA AGENDA DAS FEDERAÇÕES DE CICLISMO E DE RUGBY

A Federação Portuguesa de Ciclismo (FPC) organizou na Universidade de Coimbra na “tertúlia desportiva” destinada aos participantes na 10.ª Volta a Portugal de cadetes, onde esteve em destaque o tema da integridade no desporto. A abertura esteve a cargo do vice-reitor da Universidade de Coimbra, Amílcar Falcão, tendo o diretor-geral do Comité Olímpico de Portugal, João Paulo Almeida, falado sobre “Instrumentos de ação contra manipulação de competições”. “Prevenção Antidoping” foi o tema abordado por Miguel Marques Bom, da Autoridade Antidopagem de Portugal. O diretor-geral do COP, João Paulo Almeida, voltou a abordar o tema das apostas ilegais e da manipulação de resultados numa sessão de esclarecimento com os jogadores da Seleção Nacional (Sub-20) de Râguebi.



FÓRUM DA SIGA EM LISBOA PELA BOA GOVERNAÇÃO

A 2ª edição do Fórum da Integridade no Desporto, realizado pela Sport Integrity Global Alliance (SIGA), reuniu em Lisboa uma vasta audiência desperta para os grandes desafios que o setor enfrenta: a integridade, a boa governação das organizações, a proteção de menores e o risco de contaminação do valor e da reputação que as marcas correm.

O Comité Olímpico de Portugal (COP) está entre as cerca de 100 organizações que constituem a SIGA e, na abertura do Fórum, o seu presidente, José Manuel Constantino, alertou para a existência de um quadro crítico que exige ação: "Se não soubermos preservar o desporto, se formos incapazes de cuidar dos seus valores e princípios fundamentais, se não salvuardarmos a sua integridade, se o não colocarmos ao serviço do desenvolvimento social e humano conforme se encontra consagrado na Carta Olímpica todo o valor formativo do desporto se perde." Ivi-Triin Odrats, membro da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, defendeu a necessidade do aparecimento de "novos agentes, com novas ideias e capazes de implementarem novos padrões", mas o coordenador da SIGA, Emanuel Medeiros, defendeu que não é possível ficar na expectativa: "Não precisamos de esperar por uma nova geração de líderes, o que há a fazer não pode esperar mais um dia", referiu.

ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS DE 2024 E 2028 ATRIBUÍDA EM SIMULTÂNEO

O Comité Olímpico Internacional (COI) acordou, por unanimidade, no princípio de atribuir a organização dos Jogos Olímpicos de 2024 e 2028 em simultâneo, decisão qualificada como "win-win-win" para o Movimento Olímpico e para as cidades candidatas, Los Angeles e Paris. Os membros participantes na 130ª Sessão do COI, em Lausanne, Suíça, aprovaram a proposta do Conselho Executivo apresentada no dia 9 de julho, destacando as "circunstâncias excecionais e as oportunidades únicas apresentadas pelas candidaturas de Los Angeles e Paris para os Jogos Olímpicos 2024." O acordo foi finalmente ratificado, a 13 de setembro, em Lima, tendo sido atribuídos os Jogos de 2024 a Paris e os de 2028 a Los Angeles.

MAIS PROVAS E MENOS ATLETAS NOS PRÓXIMOS JOGOS

A Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional aprovou o programa de provas para os Jogos Olímpicos de Tóquio'2020 com a inclusão de novas provas, mais viradas para os jovens e disputadas em meio urbano. Foi reforçada ainda a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos, mas irá diminuir o número total de atletas participantes.

Na prática são acrescentadas 15 provas, embora com menos 285 atletas por comparação com os Jogos Olímpicos Rio 2016. Em Tóquio haverá o dobro de provas mistas, num total de 18, por comparação às que se realizaram no Rio de Janeiro (apenas 9).

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA ESTEVE NO COP

O COP recebeu a visita do presidente da Federação Internacional de Ginástica (FIG), Morinari Watanabe, e do secretário-geral, André Gueisbuhler, acompanhados pelo presidente da Federação de Ginástica de Portugal, João Paulo Rocha.

Os dirigentes da FIG estiveram em Portugal para uma visita de trabalho e da sua agenda constava a preparação da organização do Campeonato do Mundo de Ginástica Aeróbica. No COP tiveram um encontro com o presidente, José Manuel Constantino, o secretário-geral José Manuel Araújo e o diretor-geral João Paulo Almeida.





DIA OLÍMPICO MOBILIZOU MAIS DE 12.000 PARTICIPANTES

As celebrações do Dia Olímpico realizaram-se em Portugal com o desenvolvimento de 22 atividades, em 16 localidades, mobilizando e 12.034 participantes, apoiados por 25 atletas olímpicos.

O ponto alto das celebrações aconteceu no dia 23 de junho, na Madeira, entre o cais do Funchal e a Praça do Povo, onde decorreu uma estafeta composta pelas 13 modalidades olímpicas que já tiveram a participação de atletas madeirenses, culminando com o hastear da Bandeira Olímpica, a cargo do velejador João Rodrigues, detentor do recorde de participações olímpicas portuguesas (7), entre Barcelona'1992 e o Rio de Janeiro'2016. Foram mais de 500 os jovens que tiveram oportunidade de praticar Andebol, Atletismo, Badminton, Canoagem, Equestre, Esgrima, Futebol, Ginástica, Judo, Natação, Ténis de Mesa, Vela e Voleibol.

OITA DISPONÍVEL PARA ACOLHER MISSÃO PORTUGUESA EM 2020

Uma delegação do município japonês de Oita, constituída por Norikazu Morisaki, Jun Murata e Takaya Hiroshi, visitou o Comité Olímpico de Portugal (COP) com o objetivo de manifestar a sua disponibilidade para acolher a Missão Portuguesa que participará nos Jogos Olímpicos de Tóquio'2020. João Paulo Almeida, diretor-geral do COP, Paulo Cunha, diretor desportivo, e Marco Alves, diretor do Departamento de Missões e Preparação Olímpica, ficaram a conhecer locais de treino e as condições de utilização que Oita poderá oferecer aos atletas portugueses em 2020.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO OLÍMPICA COM NOVA COLEÇÃO DE FASCÍCULOS

O COP, no âmbito do Programa de Educação Olímpica, publicou 12 fascículos em formato de coleção, com o objetivo de disponibilizar informação sobre o Movimento Olímpico que os professores possam transmitir aos alunos, estimulando-lhes o conhecimento e a criatividade na realização das atividades recomendadas.

São estes os títulos dos fascículos: **Glossário - 0. Glossário de Termos Olímpicos. O Movimento Olímpico - 1. Olimpismo; 2. Os símbolos Olímpicos; 3. A mascote e a marca; 4. Os Jogos Olímpicos; 5. Pierre de Coubertin. Os Jogos Olímpicos - 6. Os Jogos Olímpicos de Verão; 7. Os Jogos Olímpicos de Inverno; 8. Os Jogos Olímpicos da Juventude; 9. A Chama e as Tochas Olímpicas. A Participação Portuguesa - 10. Os Campeões Olímpicos; 11. Os Medalhados Olímpicos.**

O Programa de Educação Olímpica é de acesso aberto a todas as escolas que pretendam aderir, bastando para tal aceder à ligação:

<http://www.eduolimpica.comiteolimpicoportugal.pt/Pages/juntateanos.aspx>



RIO MAIOR DISPONÍVEL PARA COOPERAR NA PREPARAÇÃO PARA TÓQUIO

O presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP), José Manuel Constantino, teve um encontro com Isaura Morais, presidente da Câmara Municipal de Rio Maior (CMRM), e Diva Cobra, presidente do Conselho de Administração da DESMOR, a empresa municipal que gere o Complexo Desportivo de Rio Maior, e na agenda esteve a cooperação entre COP e CMRM, tendo em vista as facilidades concedidas pela DESMOR na preparação dos atletas da Missão Portuguesa que participará nos Jogos Olímpicos de Tóquio'2020.



LUÍS PAULO RELÓGIO
Advogado e Docente
Universitário.
Mestre em Ciências Jurídicas

Direito do Desporto: um ramo do Direito

A mais recente concretização da colaboração institucional entre o Comité Olímpico e a Imprensa Nacional Casa da Moeda traduz-se na publicação do manual “Direito do Desporto”, de que tive a honra de ser o coordenador – gosto mais desta expressão do que Autor, uma vez que a obra consiste numa compilação organizada de leis reguladoras do fenómeno desportivo. Esta obra tem como destinatários todos aqueles que, juristas ou não, lidam diariamente com as questões do direito do desporto e necessitam de uma compilação que aglutine as principais normas reguladoras desta atividade.

Reforço esta definição, que entendo ser a mais correta de direito do desporto, ao invés da expressão “direito desportivo” muitas vezes erradamente utilizada, pois que a disciplina jurídica em causa consiste na área do direito que regula as instituições e os agentes do desporto. Com efeito, o desporto é, hoje em dia, uma das áreas da sociedade mais fortemente reguladas, na medida em que o emaranhado de regras que orientam tal atividade se estendem pelo seu enquadramento social em paralelo que a regulação interna da prática e da competição desportivas

Esta tendência reflete uma tendência de regulação, por parte do Estado, de praticamente todas as áreas da ação do desporto, suscitando, por vezes, uma crítica generalizada quanto à existência de cada vez mais Estado no desporto em Portugal.

O mais recente exemplo da regulação das relações entre os agentes do desporto consiste no novo regime jurídico do contrato de trabalho do praticante desportivo, do contrato de formação desportiva e do contrato de representação e intermediação, ou seja da Lei n.º 54/2017, de 14 de julho. Este diploma, já há algum tempo esperado, vem revogar, substituindo-a, a Lei n.º 28/98, de 26 de junho, a qual vinha esta relação contratual há quase 20 anos (mais até, se considerarmos que o diploma anterior, o Decreto-lei n.º 305/95, de 18 de novembro, regulava o contrato de trabalho desportivo de forma quase idêntica àquela).

O novo regime jurídico não é, necessariamente, uma inovação, mas antes uma reforma adaptada (ou procurada adaptar) à realidade económica e social dos nossos tempos.

Gostaria pois de salientar alguns aspetos mais relevantes, sem procurar esgotar uma análise que, necessariamente mais profunda, será levada a cabo pelos inúmeros juristas que se dedicam a estudar estas matérias. Desde logo, a duração do contrato, agora limitada a 5 anos, mostra-se mais conforme com a regulação própria das modalidades, salvaguardando, de modo mais eficaz, os direitos dos praticantes. Também o período experimental do contrato de trabalho desportivo sofreu uma revisão de redação que torna mais claro este instituto do direito laboral, facilitando a aplicação da lei, na conjugação correta entre a lei geral e a lei especial reguladora daquele contrato no âmbito do desporto.

Um aspeto que, a meu ver, permanece como um dos grandes mistérios desta nova lei é a deslocação da norma que regula a liberdade de trabalho – direito consagrado constitucionalmente – para o capítulo da Cedência e transferência de praticantes desportivos, outra matéria que merece especial atenção pelas brechas que vem abrir no

sistema desportivo. Para os não juristas, importa esclarecer que a sistematização das normas é fundamental para a sua adequada interpretação e aplicação, ou seja, não é irrelevante um artigo estar num capítulo ou noutro, podendo considerar-se que as suas disposições versam sobre a matéria em que se enquadra, pelo que, na sua atual localização, a norma referida parece regular a liberdade de trabalho em sede de cedência e não no âmbito global do contrato de trabalho desportivo.

Outro aspeto a merecer preocupação será o novo art. 24.º, que veio substituir a responsabilidade das partes pela cessação do contrato, anteriormente regulada no art. 27.º, formulando-se agora uma solução normativa que se apresenta muito limitativa da liberdade de trabalho e do direito do trabalhador – leia-se praticante desportivo profissional – a escolher a sua entidade empregadora.

Também o conceito da formação desportiva surge alterado por este diploma legal, abrindo possibilidades de alargamento do conceito e do tempo de formação que se podem mostrar perigosos para a defesa de direitos essenciais dos jovens formandos.

No que respeita à atividade dos empresários desportivos, destaque para o efeito da nulidade imposto à falta de registo dos contratos de representação, bem assim como a expressa proibição de representação de praticantes desportivos menores de idade. Releva ainda a definição de contrato de representação ou intermediação como um contrato de prestação de serviços que, ainda que pacificamente aceite pela doutrina, coloca uma segurança jurídica essencial sobre este tipo de intervenção jurídica e económica no mundo do desporto, com relevância cada vez mais acentuada.

Estes são apenas alguns aspetos preliminares de uma análise que se desenvolve já em muitos sectores, com vista a uma correta interpretação deste novo regime jurídico e uma aplicação mais conforme com os interesses que aqui se alinham. Aqui não se esgota, porém, a relevância do direito do desporto, nem a necessidade que este sente de uma maior regulação. Num modelo de estrutura desportiva fortemente regulado, com uma intervenção constante, a quase todos os níveis, do Estado, cabe optar por uma de duas soluções:

- ou propugnar por uma cada vez maior liberdade reguladora das instituições desportivas, designadamente das federações desportivas dotadas de utilidade pública desportiva; ou
- reclamar do Estado mais e melhor legislação em diversas áreas que, porque não devidamente reguladas mas enquadradas num sistema normativo cada vez mais denso, exigem definição clara por parte do Estado; até porque, em algumas delas, outras razões, de natureza fiscal e laboral, exigem definições que nunca foram alcançadas, como é o caso flagrante dos dirigentes desportivos benévolos, ainda e sempre à espera de um verdadeiro estatuto, que reconheça, de forma eficaz e positivo, o seu importante papel social.

Há, por isso, muito a fazer, seja regulando o que carece de orientação, seja desmandando o excesso de regulação, numa inversão de tendência que se deseja mas que a sociedade desportiva tem, necessariamente, que justificar. ●



O mais recente exemplo da regulação das relações entre os agentes do desporto consiste no novo regime jurídico do contrato de trabalho do praticante desportivo, do contrato de formação desportiva e do contrato de representação e intermediação



INÊS HENRIQUES

50 KM MARCHA NO FEMININO
– O SONHO CONCRETIZADO



Aos 37 anos, Inês Henriques concretizou um sonho antigo: chegar ao lugar mais alto do pódio na marcha mundial. E com novo recorde do Mundo nos 50Km. Em Londres, nos Mundiais de atletismo, a atleta portuguesa fez o tempo de 4:05.56



ESTE TÍTULO DE CAMPEÃ DO MUNDO acabou por ter um sabor ainda mais especial. O lugar cimeiro foi garantido pela primeira vez na história do atletismo, numa distância até agora destinada exclusivamente aos homens.

Para Inês Henriques os momentos finais da prova traduziram-se num misto de sentimentos: “O Jorge Miguel (treinador) veio ter comigo, furo aquilo tudo, foi dar-me um abraço e disse ‘Conseguimos!’. Eu chorei de emoção. Terminar aquela prova e atingir todos os objetivos é uma maravilha. Ser campeã do mundo, bater o recorde do mundo e baixar das 4h06 era muito importante para demonstrar que é possível fazer a marca abaixo dos mínimos exigidos inicialmente”.

Inês Henriques foi desde o início um dos rostos na luta pela inclusão dos 50Km Marcha femininos no programa dos Mundiais. Depois de muita persistência viu confirmada em 2017 a inclusão nos Campeonatos do Mundo de atletismo de uma prova feminina na distância. No setor masculino, desde a primeira edição do evento, em Helsínquia, em 1983, que a prova já existia. Para as mulheres, a marcha estava restrita aos 20km.

O ano passado, a Associação Internacional de Atletismo (IAAF) tomou uma decisão: as atletas femininas poderiam participar nos 50 km Marcha, mas teriam de competir com os homens e segundo as mesmas regras. Era a oportunidade de ouro para as aspirações de Inês Henriques e do seu treinador.

Jorge Miguel conta como convenceu a sua atleta a investir nesta distância: “Foram precisas apenas duas

horas. Conversei com ela e apresentei-lhe os meus argumentos para passarmos para os 50Km. A Inês disse-me que ia pensar, mas passadas duas horas ligou-me e disse que estava disposta a entrar nesta aventura. A partir daí começou a preparação”.

A aposta trabalhada em conjunto com o seu treinador para ser uma atleta de elite nos 50Km mostrou-se a mais certa. Antes do título conquistado no dia 13 de agosto em Londres, a Inês já havia batido o recorde do mundo, ao cumprir a distância em 4:08.25, em Porto de Mós, no início do ano. “Para mim foi um desafio muito aliciante. Se já fiz tantas provas de 20, se já participei em tantos campeonatos nesta distância, porquê não fazer agora uma de 50? Nesta fase da minha carreira eu precisava de novos desafios, para me dar energia”, contou a campeã do mundo.

Treinar para competir nos 50km marcha foi para Inês Henriques uma forma de garantir novos estímulos. A marchadora portuguesa admite que é muito mais duro, mas, como diz, “é tão duro para as mulheres como para os homens”.

Em 2020 Inês Henriques terá 40 anos. Continua diariamente a lutar por uma presença olímpica, mas sabe que será muito difícil ver esta nova distância nos Jogos de Tóquio. Assume que vai lutar com todas as forças como lutou para ver a prova feminina em Londres. E diz que, enquanto tiver prazer no que faz, estará sempre na linha da frente para treinar, competir e dar o exemplo a todos: “Eu tenho uma carreira muito longa e costumo dizer que nunca devo quilómetros ao trei-

nador. Pelo contrário. É ele que me tem de travar sempre”... (risos)

25 anos pela marcha em Rio Maior

Inês Henriques foi sempre treinada por Jorge Miguel. Representa desde o início da sua carreira o Clube de Natação de Rio Maior, para além das inúmeras vezes em que chegou à seleção para competir por Portugal, em campeonatos da Europa, do Mundo e nos Jogos Olímpicos de Atenas, Londres e do Rio de Janeiro.

Com 12 anos começou a praticar atletismo, influenciada por outra campeã formada em Rio Maior: Susana Feitor.

Estreou-se em Campeonatos do Mundo em Edmonton no ano de 2001, marchando ao lado de Susana Feitor numa grande competição. Tinha 21 anos e acabou desqualificada nos 20 quilómetros marcha.

Em 2005, no Mundial de Helsínquia, Susana Feitor conquistou a medalha de bronze, prova em que Inês Henriques foi 27.^a

Desde então os resultados começaram a melhorar e foi sétima em Osaka 2007, décima em Berlim 2009, nona em Daegu 2011, 11.^a em Moscovo 2013 e 25.^a em Pequim 2015.

Foi em Rio Maior que começou e é em Rio Maior que continua.

Inês Henriques deixa uma palavra para todos os que trabalham com ela: “Todos os da minha equipa fazem parte desta medalha. Trabalham comigo há muitos anos e nunca duvidaram que eu conseguisse alcançar este feito. E eu devo-lhes muito pelo que me ajudaram ao longo destes anos todos.” ●



NELSON ÉVORA O VOO PARA O BRONZE

AOS 33 ANOS PROVOU AOS MAIS CÉTICOS que é possível lutar pelos objetivos e ter sucesso. Nelson Évora garantiu mais uma medalha num grande palco internacional.

O bronze no triplo salto em Londres correspondeu à quarta subida a um pódio em Campeonatos do Mundo, depois do ouro em Osaka 2007, da prata em Berlim 2009 e do bronze em Pequim 2015.

Nelson Évora já disse publicamente que quer chegar aos 18 metros, o que significa que, nas próximas grandes provas de atletismo, teremos o campeão olímpico português a continuar a voar para o sucesso.

Nesta final em Londres, Évora era o mais velho dos 12 saltadores em competição. A experiência foi uma verdadeira aliada na gestão dos saltos e do andamento do concurso.

Ficou atrás dos norte-americanos Christian Taylor e Will Claye e bastou-lhe gerir o salto de 17,19m (no segundo ensaio) para garantir mais uma medalha nesta disciplina do atletismo. Um registo bem melhor do que o que tinha garantidos nas eliminatórias (6.º lugar na passagem à final com a marca de 16,94m).

Apesar da pressão de Cristian Nápoles (Cuba), Alexis Copello (Azerbaijão) e Chris Benard (EUA), que termina-

ram todos a três centímetros do português, Évora conseguiu manter o 3.º lugar do pódio. Um prémio para a sua determinação e espírito lutador.

4.º Campeão Olímpico Português

Nelson Évora foi o 4.º Campeão Olímpico de Portugal. Nasceu na Costa do Marfim em 1984, mas a partir do ano de 2002 naturalizou-se português.

Em 2008 concretizou o sonho ter ao peito a medalha de ouro olímpica, numa prova onde saltou a 17,67m (no 4.º ensaio).

Quatro anos depois lesionou-se com gravidade e não conseguiu representar Portugal nos Jogos de Londres 2012. Mas a recuperação aconteceu e Nelson regressou em grande no ano de 2015, quando voltou a garantir mais duas medalhas: o bronze nos Mundiais e título Europeu de Pista Coberta.

Na época passada mudou-se para Espanha e passou a treinar com Ivan Pedroso.

Esta foi a 18.ª medalha garantida por um português em Campeonatos do Mundo de Atletismo, quebrando um jejum de 12 anos, sem qualquer presença no pódio. ●



CHUVA DE MEDALHAS NA PATINAGEM ARTÍSTICA

Seleção nacional distinguiu-se no Campeonato do Mundo, em Nanjing, na China, com oito subidas ao pódio, três delas para receber o ouro



O quarteto The Project no pódio; em cima, Ricardo Pinto, Ana Walgode e Pedro Walgode

ACONTECEU UMA VERDADEIRA CHUVA de medalhas, em Nanjing, na China, e a precipitação foi provocada pela Seleção Nacional de Patinagem Artística participante no Campeonato do Mundo, englobado nos Roller Games. Os patinadores portugueses subiram oito vezes ao pódio e os que em mais destaque estiveram foram o grupo The Project, constituído por Paulo Santos, Filipe Galego, Ricardo Martins e José Souto, medalha de ouro na competição destinada a quartetos; Ricardo Pinto, campeão mundial em solo dance; e os juniores José Cruz e Daniela Dias, vencedores em pares de dança.

Ricardo Pinto sublinhou a qualidade da sua prova, em declarações publicadas pela Federação de Patinagem de Portugal: “Consegui executar todos os elementos muito bem. Foi muito bom. É inacreditável para mim, lutei tanto, e passei por algumas dificuldades. É inacreditável poder representar o meu País, uma instituição como a Federação de Patinagem e

poder levá-la ao topo do Mundo. É indescritível.”

As medalhas de prata também foram três. Ana Walgode, em solo dance, assinou o bom resultado com grande alegria: “Nunca tinha conseguido uma medalha para Portugal no escalão sénior. Tenho de agradecer a todas as pessoas que acreditaram em mim. O que me fez ganhar [a medalha] foi ter atitude e patinar com alma e coração.” Os juniores Maria Beatriz Sousa e José Cruz chegaram igualmente à medalha de prata na competição de solo dance.

Pedro Walgode, também em solo dance, e a dupla Mariana-Souto-José Souto, em pares de dança, garantiram a medalha de bronze, estes à semelhança do que já acontecera nos Jogos Mundiais, em Wrocław, na Polónia (ver págs. 24/25). Walgode assinalou a estreia bem sucedida: “A medalha tem imenso significado para mim, logo na primeira participação em solo dance. Foram muitos anos a dar o máximo.” ●



REGRESSO DE **VANESSA** ÀS VITÓRIAS

Vanessa Fernandes venceu a prova feminina do Ironman 70.3, de Cascais, superiorizando-se à espanhola Sarah Löehr Muñoz e à austríaca Sylvia Gehnboeck, que fecharam o pódio

Na primeira edição do Ironman em Portugal, Vanessa Fernandes, de 31 anos, concluiu a prova de 113 quilómetros (1,9 km de natação; 90,1 km de ciclismo; e 21,1 km de atletismo) em 4:33.12 horas. Esta foi a primeira vitória individual da medalhada olímpica de Pequim'2008 após o seu regresso à competição. "Acho que isto é o reinício de alguma coisa. Sinto isto como um início de uma nova temporada, um novo recomeço de uma nova carreira. Estou a guardar no coração", disse no final da prova.

No setor masculino, o vencedor foi o francês Denis Chevrot e o português Bruno Pais, de 36 anos, foi o 3.º classificado. ●



JOÃO PEREIRA TRÊS VEZES CAMPEÃO EUROPEU

Entre 17 de junho e 23 de julho, o olímpico português do triatlo conseguiu resultados de exceção em competições individuais e na prova de estafetas

João Pereira foi uma das figuras da Missão Portuguesa que esteve nos Jogos do Rio de Janeiro'2016, com a 5.ª posição na competição de Triatlo, o que lhe valeu o diploma olímpico. Um ano depois, os bons resultados voltaram a aparecer no Campeonato da Europa, fundamentando a evolução de quem a International Triathlon Union já considerou uma das revelações da modalidade.

O lugar de finalista alcançado nos Jogos Olímpicos é visto agora por João Pereira, de 29 anos, como uma fonte de inspiração. “Fundamentalmente, deu-me confiança para o futuro e reconhecimento pelo trabalho que tenho feito”, afirmou à OLIMPO. “Foi um bom resultado, mas sinto que ainda estou a progredir.”

Em junho deste ano, João Pereira viveu uma semana de ouro, com a conquista de dois títulos consecutivos no Campeonato da Europa, primeiro na Áustria, no dia 17, em Kitzbühel, na competição standard, e depois em Dusseldorf, Alemanha, a 24, na prova de sprint. Posteriormente juntou-lhes uma terceira vitória europeia, em julho, obtida pelo Benfica, clube que representa.

“Foram três títulos, um na distância olímpica, outro no sprint e o outro na estafeta mista de clubes, com a Melanie (Santos), a Vanessa (Fernandes) e o Miguel Arraiolos, o que nos deixa boas expectativas para 2020, porque é uma prova que vai entrar nos Jogos Olímpicos”, explica João Pereira, a pensar em futuros resultados de exceção.

A época de 2017 para o olímpico português teve um foco bem definido. “Foi uma aposta clara no Campeonato da Europa, onde fiz boas provas, e ter ganho as duas competições individuais deu-me muita confiança. Se há três ou quatro anos pensasse que iria ser campeão europeu, julgaria que o meu percurso não passaria por aí. São muitos atletas e todos a pensar no mesmo resultado.”



Mundial “atípico”

À sua participação no Campeonato do Mundo, disputado por etapas, João Pereira faz um “balanço atípico.” Após a última prova, em Roterdão, na qual foi 8.º classificado, fixou-se no 19.º lugar do ranking, dando um salto significativo.

O futuro do triatleta português passa por trabalhar muito. “Não vou descurar o treino. Todos os atletas são muito competitivos e quero trabalhar as minhas certezas e o potencial.” No início de outubro, entra em prova já a pensar no próximo ano. “Vou competir a Saragoça, para tentar fazer pontos e entrar bem no Campeonato do Mundo de 2018, sem pressão.”

Os Jogos Olímpicos só acontecem em 2020, mas a época que se aproxima é fundamental, porque terá início a definição do quadro de participantes. “No próximo ano começa o apuramento olímpico. Disputam-se 14 provas, de maio a maio, apurando-se os sete melhores resultados em cada ano, e depois é segundo o ranking”, explica João Pereira, com a participação em Tóquio 2020 na mira. ●



BRONZE PARA JOÃO SILVA E FIM DE ÉPOCA INESPERADO

Teve um ano bem sucedido,
com duas subidas ao pódio no
Campeonato da Europa de Triatlo

“Comecei bem o ano nas etapas do Campeonato do Mundo e no Campeonato da Europa fui 3.º classificado nas duas provas, no sprint e na prova olímpica, o que acabou por sobressair por ter ganho medalhas.”

O problema apareceu a seguir, inesperadamente. “Estava a ser consistente, mas tive um episódio clínico – uma pericardite, que é a inflamação da membrana que envolve o coração –, o que pôs fim à temporada”, conta à OLIMPO o triatleta, de 28 anos. “Neste momento, tenho de descansar durante algum tempo, recuperar e pensar na próxima temporada.”

O estado físico de João Silva será reavaliado em meados de outubro e a partir daí é projetar 2018, a pensar também em objetivos de médio prazo. “A meio do próximo ano começa a qualificação olímpica e temos atletas com boas perspetivas para Tóquio 2020”, refere o triatleta, otimista em relação às novidades aprovadas pelo Comité Olímpico Internacional: “Tivemos a boa notícia da inclusão da estafeta mista nos Jogos, na qual eu gostaria de participar, embora não saiba quais são os critérios de qualificação. Espero que sejam adequados ao nosso perfil.” ●



Campeão do Mundo, em K1 5000, e campeão da Europa, em K1 1000, só em 2017 subiu oito vezes ao pódio em provas internacionais. Aos 28 anos, o canoísta olímpico do Clube Náutico de Ponte de Lima tem em “mais e melhor” o seu lema

FERNANDO PIMENTA

“É LEGÍTIMO QUERER CONQUISTAR MAIS MEDALHAS PARA PORTUGAL”

Que futuro viu aos 16 anos, quando ganhou a medalha de ouro em K4 500, no Festival Olímpico da Juventude Europeia?

Nessa faixa etária, os atletas ainda estão a experimentar, a ver do que é que realmente gostam e eu, na altura, já tinha uma certa paixão pela canoagem, por tudo o que a envolvia, e pelo meu grupo de amigos. No Festival Olímpico da Juventude fizemos primeiro o K4 1000. Viemos a prova toda na frente, nos metros finais fomos passados por três embarcações e acabámos por ficar no 4.º lugar, muito perto da medalha. Depois, nos 500 metros, voltámos a andar na frente e vencemos. Sem dúvida que foi espetacular a sensação de conseguir a primeira medalha de ouro internacional, logo na primeira oportunidade, ir ao pódio, ver a bandeira subir e ouvir A Portuguesa.

E aí concluiu: ‘É isto mesmo que eu quero’?

Não. Depois houve um processo contínuo, com os resultados a aparecer e eu a querer mais e melhor. Em 2007, quando fui campeão da Europa de juniores, em K1 1000, tive um bom desempenho, com um bom tempo e abri boas perspetivas para o futuro.

“Mais e melhor” é o seu lema?

Sim. E parto do princípio que seja o lema de muitos atletas, ou da maioria dos atletas. No meu caso não pode ser diferente. Eu quero sempre mais e, se possível, melhor, embora às vezes não seja possível. Temos de estar cientes das dificuldades que as nossas modalidades acarretam. Temos outros atletas que querem o mesmo resultado, ganhar medalhas, e nem sempre é possível ganhar.

Quando se subiu ao pódio 70 vezes o que é que está em causa a seguir?

A seguir penso que é legítimo querer continuar a conquistar mais vitórias, a trazer mais medalhas para Portugal e tentar chegar a um número mais redondo, tentar chegar aos três dígitos. Acho que seria fantástico, mas não é algo que me preocupe muito. Pode ser um processo natural, como foram estas 70 medalhas internacionais.

Que lugar é que acha que já tem na história do desporto português?

Não é coisa em que eu pense. Penso em conseguir os melhores resultados, e acho que já estou perto de alguns dos melhores atletas nacionais, mas as outras pessoas é que têm de fazer esse tipo de balanços, elas é que têm de avaliar as nossas prestações.

“Quando se compete só interessa ganhar, todos os outros são derrotados” – esta é uma citação sua, a lembrar o espírito dos alemães. Faz toda a diferença para si?

Eu disse isso porque foi uma coisa que aprendi com os alemães. Eles têm uma escola de desporto diferente, uma cultura diferente. É um país que, normalmente, conquista muito mais medalhas do que nós. A filosofia é: ‘se ganharmos vale, se não ganharmos já não é tão válido’. Os segundos e >

“MICHAEL PHELPS É UM NOME INCONTORNÁVEL”



“Nunca me aconteceu pôr em causa o trabalho feito, mas faço uma avaliação com as pessoas que trabalham comigo”

terceiros lá já não têm tanta visibilidade e, se calhar, nem o mesmo tipo de apoio. Depois de conviver com eles 15 dias, intensamente, em estágio, fiquei a pensar: trabalhamos todos para conseguir o melhor resultado, e o melhor resultado é a medalha de ouro. Temos de estar cientes das dificuldades, porque não basta querer, é preciso trabalhar muito e bem.

Em 2008, mudou-se para Montemor-o-Velho, para tentar conciliar os estudos de fisioterapia com a alta competição, mas a experiência não foi bem sucedida. Porquê?

Na altura, como não tinha transporte próprio precisava fazer muitas viagens em transportes públicos, o que me ocupava mais de uma hora para cada deslocação. Para quem tem de fazer dois e três treinos diários, tornava-se impossível conseguir fazer tudo. Como já tinha sido campeão da Europa de juniores e queria continuar a obter bons resultados, por opção própria dediquei-me ao desporto e abandonei a residência, porque não estava a conseguir compatibilizar tudo. Vim para Ponte de Lima, estive a estudar Reabilitação na Universidade Fernando Pessoa e consegui conciliar um pouco melhor, porque estava mais perto de casa e podia vir ao clube treinar com maior facilidade. Como, normalmente, procuramos as condições mais adequadas e passamos muito tempo em estágios e competições, consegui fazer os três primeiros semestres e depois já não deu para fazer os seguintes. Fui-me aconselhando com pessoas ligadas ao desporto e como estou numa boa posição, devo continuar a apostar. Quando o ritmo competitivo e os resultados forem baixando terei tempo.

Não são, portanto, um projeto abandonado, os estudos?

Não, não, claro que não. São um projeto que está em stand-by e assim que houver oportunidade voltarei para ter a minha formação e continuar a aprender.

A medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres’2012, em K2 1000, com Emanuel Silva, continua a ser a principal referência de carreira?

Sem dúvida, acho que é aquela medalha que um desportista de uma modalidade dita não profissional quer obter. Primeiro quer estar nos Jogos Olímpicos e depois quer estar na luta pelas medalhas. É uma prova que só se realiza de quatro em quatro anos, dá mais protagonismo e mais valor à própria medalha. São feitos grandiosos.

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro’2016 representam o quê na sua carreira?

Foi um momento, que não digo que foi mau, mas foi de aprendizagem, um momento em que deu para ganhar força e aprender que ainda posso ser melhor e existem aspetos a melhorar. Foi o melhor resultado da canoagem portuguesa em K1, conseguido quando estava numa excelente forma.

Quando o resultado não é o esperado põe tudo em causa?

Não, nunca me aconteceu pôr em causa o trabalho feito, mas faço uma avaliação com as pessoas que trabalham comigo, nomeadamente o treinador. Fazemos uma análise daquilo que correu bem e do que correu menos bem, para corrigir os pontos mais fracos e tentar focar no próximo objetivo.

2017 é o seu ano de ouro, com oito medalhas ganhas e vitórias na Taça do Mundo, nos campeonatos do Mundo e da Europa?

É um dos anos... fantástico. Consegui quatro medalhas em taças do Mundo, uma de ouro e três de prata, depois no Campeonato da Europa consegui uma de ouro e uma de prata, e no Campeonato do Mundo foi igual. Sem dúvida que é uma das melhores épocas até agora.

Estagiar na altitude do México e no calor do Alentejo, em Avis, fez toda a diferença?

Sim, são locais que nos dão alguma tranquilidade para podermos treinar com outras condições. Sem dúvida que isso nos ajuda a estarmos preparados para várias situações, desde o calor à altitude. Depois tudo isso conta no resultado final.

Nunca se sentiu tentado a mudar para um clube de maior expressão?

Não, não.

Porquê?

Primeiro, porque já estou aqui há 16 anos e sempre me respeitaram, sempre me tentaram dar as melhores condições. Para mim, é um clube que é uma casa e uma família.

Quem e quais são suas referências?

Depende. No desporto revemo-nos naqueles atletas que conseguem melhores resultados, nos atletas com mais visibilidade e melhor currículo.

Nomes...

Michael Phelps é um nome incontornável, depois, dentro da canoagem, tenho o Eirik Veras Larsen, um norueguês, e adversários meus, pela forma como trabalham, o Max Hoff e o Tim Brabants, um inglês.

Noutras modalidades, para além do Michael Phelps...

Ele mostra que quando se trabalha forte, existe empenho e se quer consegue-se. Foi assim que ele conseguiu 24 medalhas em Jogos Olímpicos. Depois, claro, o Bolt, que, nos últimos Mundiais, mesmo sabendo que não estava na melhor forma, quis competir e conquistar títulos para a Jamaica. São coisas que nos marcam.

Já disse que não fecha a porta a uma integração na tripulação K4... e no K2?

Eu não fecho a porta a nada. São opções técnicas e, neste momento, a opção técnica da Federação é eu competir em K1 e é isso que faço.

Quem é o Fernando Pimenta para além dos caiaques e das pagaias?

O Fernando Pimenta é um jovem da aldeia, que gosta da tranquilidade de Ponte de Lima, gosta de ser discreto, de estar com o seu grupo de amigos, com a família, e de praticar várias modalidades.

Tais como...

Ciclismo, BTT, corrida, principalmente essas. Também acabo por fazer natação, mas onde faço algumas competições de lazer é no ciclismo.

Para além do desporto o que é que o atrai mais?

Gosto de conhecer o nosso Portugal, de ver os cantos todos à casa, o que difícil, porque há muito para conhecer, sítios fantásticos. E, se for possível, também quero conhecer mais do Mundo.

O que é que se vê a fazer no futuro?

Dada a experiência que tenho vindo a obter com a canoagem, na alta competição, posso ficar ligado de qualquer forma, como dirigente ou treinador. Mas isso só o futuro dirá.

Sente-se um símbolo a seguir pelos jovens?

Tento dar o melhor exemplo possível, conseguir passar a melhor imagem possível, depois os mais jovens têm de ver se se revêm ou não em mim. Tentei construir o meu caminho, bom, saudável, se os jovens o seguirem será um reconhecimento muito bom.

Qual é a condição primeira para ser um atleta de topo?

Ter ambição, trabalhar muito e saber que para estar na alta competição é preciso fazer sacrifícios, acreditando verdadeiramente nas pessoas que trabalham connosco. E é preciso ter sempre objetivos a curto e longo prazo.



“O Fernando Pimenta é um jovem da aldeia, que gosta da tranquilidade de Ponte de Lima”

E ficar aborrecido com a prata, quando se quer o ouro?

Não é aborrecido. Eu estava extremamente feliz. Disseram que estava triste, mas não, eu consegui o melhor resultado de sempre da canoagem portuguesa em K1, em campeonatos do Mundo, ainda para mais numa distância olímpica. Depois, ver que ficámos a 200 milésimas do ouro custa um pouco. Refletimos no trabalho feito em toda a época e tentamos ver se cometemos algum erro e se devíamos ter feito algo de forma diferente. Mas não, fizemos tudo bem, o atleta da Alemanha foi superior e mereceu.

Tóquio'2020 é agora o seu farol?

Neste momento é a época de 2018. Temos de fazer as coisas passo a passo, continuar a aprender, a ganhar, a adquirir experiência e depois em 2019 há o apuramento olímpico, e só aí se pode pensar em Tóquio 2020. ●



14.º FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA GYÖR 2017

UMA EXPERIÊNCIA PARA A VIDA

O Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) será para a maioria dos atletas portugueses que competiram em Győr a primeira grande experiência internacional, da qual se lembrarão ao longo das carreiras desportivas. A presença na Hungria de 53 jovens atletas em representação de sete modalidades foi considerada por todos como muito positiva, independentemente dos resultados desportivos alcançados

CATARINA MONTEIRO, Chefe de Missão ao FOJE não podia estar mais satisfeita com o balanço da participação portuguesa: “Foi verdadeiramente um sucesso. O balanço desta participação é muito positivo. Nós vínhamos de um longo jejum de medalhas, visto que nas últimas três edições do FOJE Portugal não tinha alcançado qualquer medalha, e nesta edição obtivemos duas.”

Primeiro Manuel Rodrigues com o bronze no judo (categoria -73 KG) e depois, no último dia, Etsen Barros com o ouro nos 2000m obstáculos, emocionaram não só quem esteve em Győr, mas todos os portugueses que foram acompanhando a participação lusa na Hungria.

Os dois atletas foram saudados e acompanhados por todos os outros que não estavam



Catarina Monteiro,
Chefe da Missão Portuguesa
ao Festival Olímpico
da Juventude Europeia

em competição, mas que fizeram questão de assistir ao vivo às provas dos companheiros da equipa de Portugal.

“Fiquei muito feliz quando percebi que tinha ganho o combate para conquistar esta medalha. Tive que olhar várias vezes para o marcador para perceber que era verdade. Foi muito bom. O apoio dos meus colegas ajudou muito durante a prova”, admitiu o judoca Manuel Rodrigues, nos instantes finais do combate para o bronze.

Mesmo com as emoções ainda à flor da pele depois de cortar a meta em primeiro, Etsen Barros percebeu a importância de subir ao lugar mais alto do pódio numa prova como o FOJE. O atleta algarvio quer “incentivar os outros a porem os olhos naqueles que já alcançaram as medalhas e fazer-lhes



Etson Barros e Manuel Rodrigues com as medalhas conquistadas, e imagens de alegria da Missão Portuguesa na Hungria

ver que é possível que eles tenham a mesma oportunidade, mesmo quando a medalha surgiu quase por acaso porque não era uma prova para a qual eu treinava muito.”

Para além das duas medalhas Portugal ainda conseguiu resultados de finalistas, com 10 resultados até ao 8º lugar. Houve ainda 25 resultados de semi-finalistas.

Continuar a trabalhar para chegar mais longe

Os jovens atletas que podem competir no FOJE têm idades entre os 14 e os 17 anos. Participaram no Festival com enorme sentido de responsabilidade e compromisso com o país. Se no plano meramente desportivo deram tudo nas provas em que participaram, socialmente a delegação portuguesa foi vista por outras como um exemplo de simpatia, responsabilidade e grande animação, como reforça Catarina Monteiro.

“Houve sempre um espírito de equipa muito elevado. O comportamento exemplar dos portugueses foi reconhecido pela organização e por todos os outros países participantes. Foi um orgulho ter sido Chefe de Missão a este FOJE, até porque foi uma Missão absolutamente inesquecível”.

A principal ideia a retirar dos comentários dos atletas, de-

pois de terminado o Festival Olímpico da Juventude Europeia é a de que se sentiram recompensados pela dedicação aos treinos e à sua modalidade.

Todos admitem que aprenderam muito com esta experiência e que querem fazer ainda melhor em provas futuras, porque representar Portugal passou a ser um orgulho para cada um. Sentiram-se premiados pelo esforço ao longo da época e por isso, Manuel Rodrigues sintetiza o sentimento generalizado: “Daqui para a frente tenho que continuar a trabalhar e investir no judo como fiz até aqui. Só com trabalho e disciplina é que conseguimos bons resultados. Ter participado no FOJE já foi muito bom e com uma medalha tornou-se bem melhor. Esta é a prova de que conseguimos”.

Este evento é o início da aventura olímpica para os atletas. Muitos dos olímpicos portugueses passaram por outras edições do FOJE e alguns deles até conquistaram as primeiras medalhas internacionais no Festival Olímpico da Juventude Europeia.

Fernando Pimenta, Nélson Évora e Sérgio Paulinho são todos medalhados olímpicos. Os três garantiram também medalhas nas participações no FOJE que tiveram enquanto jovens atletas. ●

MISSÃO PORTUGUESA LEVOU 20 ATLETAS AOS JOGOS MUNDIAIS

TRÊS MEDALHAS PARA PORTUGAL

Mariana Souto-José Souto,
Diogo Costa e Ana Nair Dias
chegaram ao pódio
na competição realizada
em Wrocław, na Polónia

PORTUGAL CONQUISTOU NOS JOGOS MUNDIAIS três medalhas de bronze. O par José Souto-Mariana Souto, na patinagem artística; Diogo Costa, em duplo mini-trampolim; e Ana Nair Dias no ju-jitsu foram os autores dos resultados mais relevantes, entre a Missão Portuguesa de 20 atletas, organizada pelo Comité Olímpico de Portugal, que participou na competição destinada a modalidades e disciplinas não incluídas no programa dos Jogos Olímpicos.

Os irmãos Mariana Souto e José Souto foram os primeiros elementos da Missão Portuguesa a subir ao pódio em Wrocław, na Polónia, ao terminarem a competição de patinagem artística na 3.ª posição. “Nunca tínhamos estado numa prova semelhante aos Jogos Mundiais, mas acabou por correr dentro das nossas expectativas”, disse José à OLIMPO. “Trabalhamos sempre para nos superarmos e sabíamos estar ao nível dos melhores. Ainda estivemos no

2.º lugar, caímos para o 3.º, mas ficámos contentes com a nossa prestação.” Para Mariana, a multiplicidade de experiências que a participação proporcionou foi inesperada: “Os Jogos Mundiais superaram as nossas expectativas, porque nunca tínhamos estado numa competição com tantas modalidades diferentes.”

O resultado desportivo alcançado deu expressão ao treino do par nacional. “Conseguir a medalha foi a concretização do nosso trabalho e mostrou que a patinagem em Portugal está em alta”, sublinhou José. “Sabíamos que a medalha estava ao nosso alcance e conquistá-la foi gratificante”, acrescentou Mariana.

O ginasta de duplo mini-trampolim Diogo Costa tinha prometido, à partida para Wrocław, lutar pelo pódio, mas o início da prova não foi fácil. “A competição não correu como eu queria, apesar da medalha”, confessou à OLIMPO.



Diogo Costa em competição (ao lado); Ana Nair Dias e os irmãos Mariana e José Souto no pódio

“O objetivo é fazer sempre o melhor e nas preliminares falhei, o que me deixou condicionado. Na final também não correu bem, porque se tivesse corrido o objetivo teria sido alcançado mais acima.”

Ganhar a medalha de bronze na Polónia deu a Diogo Costa novo alento e uma perspetiva diferente sobre o desporto português. “Espero que não seja a última. Nos primeiros dias sentimos que tudo vai mudar, mas com o passar do tempo voltamos a ser nós próprios. As pessoas começam a dar mais valor ao que fazemos, e não apenas ao futebol, mas a nossa vida não muda de forma radical.”

O objetivo imediato de Diogo Costa está definido e passa por ganhar uma medalha de ouro. “Vou tentar sem campeão do Mundo, em novembro. É para isso que trabalho, para fechar bem este ciclo.”

Lutar por patrocínios

Ana Nair Dias apresentou-se nos Jogos Mundiais com uma credencial que dava indícios sobre o resultado que poderia alcançar: a medalha de bronze ganha em 2016, no Mundial de Ju-Jitsu, também disputado em Wrocław.

“O resultado correspondeu ao que tínhamos pensado. Nós trabalhámos muito a pensar na medalha”, referiu. “O resultado nunca é certo, porque a este nível, com aquelas atletas, é sempre difícil, mas nós sabíamos que era possível.”

No imediato, a luta de Ana Nair Dias passa por outros “combates”: “Estamos a tentar encontrar mais apoios, mais patrocínios. Queremos angariar fundos para ir ao Campeonato do Mundo, na Colômbia, em novembro.”

Em destaque nos Jogos Mundiais esteve também o par Carolina Dias-João Martins,

em 4.º lugar no concurso misto de Ginástica Acrobática.

Quintos classificados foram Daniela Sardinha e Sebastião Oliveira, ambos participantes no programa livre individual de Patinagem Artística, e o patinador de velocidade Diogo Marreiros, na prova de 1.000 metros em pista (foi 9.º na decisão dos 300 metros em contrarrelógio, tendo competido em mais seis provas).

Na Ginástica Acrobática, o duo Nicole Pacheco-Mariana Carvalho foi 7.º classificado no programa sincronizado, enquanto Diogo Abreu e Diogo Ganchinho acabaram no 8.º lugar, na prova masculina. Na competição de duplo mini-trampolim, Inês Martins chegou à final e acabou no 8.º lugar.

Vanessa Ferrão e Telmo Madeira, que atingiram às meias-finais do concurso de Dança Desportiva, asseguraram um 12.º lugar na classificação final. No Muaythai, Maria Lobo e Diogo Calado foram eliminados no primeiro combate disputado, nos quartos-de-final.

Em tumbling, o ginasta João Saraiva classificou-se em 10.º lugar na qualificação e não chegou à final. A melhor classificação do patinador de velocidade Martyn Dias foi o 10.º lugar nos 500 metros em pista – participou em mais seis provas.

Marco Alves, Chefe da Missão Portuguesa, faz uma apreciação favorável: “Todos os nossos atletas e os treinadores representaram bem o país, e o balanço é positivo.” Em termos competitivos, os resultados satisfizeram. “Três medalhas é um bom registo. Levámos apenas 20 atletas e trazer três medalhas é uma relação bastante interessante entre as competições em que participámos e o sucesso alcançado”, acrescentou. Entre a Missão Portuguesa, a expectativa chegou a ser de alcançar mais um a dois pódios. ●



Marco Alves, Chefe da Missão Portuguesa aos Jogos Mundiais

ESTAR NA ALTA COMPETIÇÃO e ter uma carreira académica. Francisca Laia, 23 anos, medalha de prata no Europeu de Canoagem, em K2 200m – com Joana Vasconcelos –, e estudante de Medicina, segue as duas vias com sucesso. Com uma “ginástica” muitas vezes difícil. “Concilio dia-a-dia. Não há outra forma de fazer para gerir o nosso tempo. Às vezes falta a algumas coisas. Em certos dias dedico-me mais à canoagem, noutros dou mais atenção à medicina, a um ritmo que não dê para acumular muito trabalho.”

As exigências que se colocam a Francisca Laia são grandes, em dois palcos, o Centro de Alto Rendimento da Canoagem e a Faculdade. “Faço treinos bidirários e trabalho na minha tese. Vivo em Montemor-o-Velho e estudo na Universidade de Coimbra. São 30 minutos de carro. Em Lisboa pode ser pouco, mas na minha vida é muito tempo.” O trabalho é dividido em três etapas. “Treino de manhã. Começo entre as 9 e as 10 horas, até ao meio-dia, depois à tarde vou às aulas. Às 18, 18h30, volto a treinar.”

Para já, a canoísta olímpica segue ao seu ritmo, sem arrependimentos. “Fiz uma escolha de vida e não me posso queixar. Às vezes não me apetece, mas se quero as duas coisas tenho de trabalhar.”

é treinar para chegar a Tóquio. Quando terminar medicina e começar a trabalhar, vou continuar a conciliar. A canoagem nunca deixará de existir na minha vida, mas um dia serei médica.”

Um sonho realizado

A participação no Rio de Janeiro’2016 já é passado, para a canoísta de Abrantes, só que a experiência deixou marcas inesquecíveis. “Vitória foi conseguir ir aos Jogos Olímpicos. Era uma das mais novas a competir e tudo o que viesse era bom. Foi talvez a melhor experiência da minha vida, a concretização de um sonho. Conheci imensas pessoas e competi ao lado de grandes atletas.”

O início do novo ciclo olímpico tem sido animador, com um 1.º lugar na Taça do Mundo e a medalha de prata, em K2 200. “Podia ter sido melhor se fosse numa distância olímpica, mas é um ótimo indicador”, diz Francisca Laia, dado o resultado deixar boas perspetivas: “Agora, com trabalho podemos chegar a um bom nível no K2 500. Foi um grande início de ciclo, mas o outro também foi, com apenas 18 anos. É uma motivação extra e uma medalha é sempre uma medalha”, refere, lembrando o Europeu de Plovdiv, na Bulgária. ●

FRANCISCA LAIA

Futura médica aponta a Tóquio 2020

Estudar na Universidade de Coimbra e treinar em Montemor-o-Velho, o tempo da vice-campeã europeia de canoagem é dividido entre dois trabalhos exigentes

A lei abre espaço aos atletas de alta competição para disporem de alguma margem de estudo, na época crítica dos exames, o que nem sempre é compreendido, segundo conta Francisca Laia: “Às vezes ainda ouvimos umas ‘bocas’ dos professores: ‘Ah, vocês têm um estatuto especial’. É falta de compreensão. Só me apetece dizer-lhes: ‘Venham experimentar fazer o que nós fazemos’. Falta um sistema que permita conjugar melhor os treinos e as aulas, o ideal seria mesmo um curso inteiro só para atletas.”

No horizonte de Francisca Laia surgem agora os Jogos Olímpicos de 2020, mas o futuro implica fazer também projetos profissionais. “O meu objetivo desportivo





CATARINA RODRIGUES

“Ter sido atleta foi um privilégio”

Foi uma judoca de topo, com duas medalhas de ouro ganhas na Taça do Mundo, em 2001 e 2002, hoje é uma destacada dirigente da Federação Portuguesa de Judo e da União Europeia de Judo. Estar no pódio faz parte da vida de Catarina Rodrigues

DEIXOU DE COMPETIR AOS 32 ANOS, atualmente, com 44, é diretora na Federação Portuguesa de Judo (FPJ), e membro da Comissão Executiva da União Europeia de Judo (UEJ). “A transição ocorreu naturalmente. Durante a minha carreira desportiva estudei gestão do desporto e, posteriormente, ainda como atleta, fui convidada a fazer parte do sector de atividades da Federação Portuguesa de Judo em part-time. Foi o ideal, porque me permitiu entrar no mercado de trabalho, mas, em simultâneo, continuar a carreira de atleta”. Depois de ter passado a trabalhar a tempo inteiro na FPJ, a sua primeira grande prova de fogo foi participar na organização do Campeonato da Europa, em 2008, no Pavilhão Atlântico. “Foi uma montra para o meu trabalho nesta área e depois permitiu que fosse convidada para fazer parte da Comissão Desportiva da União Europeia de Judo.”

Para trás ficou um trajeto valioso, que deixou legado para as novas funções. “Ter sido atleta de alta competição foi um privilégio, que me moldou para o futuro e permitiu ter experiências incríveis. Ajudaram-me a lidar com uma série de contrariedades e a desenvolver capacidades, de disciplina e perseverança. Foi uma fase fantástica.”

O percurso de Catarina Rodrigues no dirigismo internacional começou na Comissão Desportiva da UEJ, mas em 2012 houve uma guinada decisiva e acabou por concorrer com sucesso a um cargo eleito. “Foi um momento-chave em termos de desenvolvimento de carreira, e mesmo de desenvolvimento pessoal, de competências que eu julgava não ter. Eu era uma pessoa tímida e tive de me apresentar, falar perante o congresso, perante os presidentes das federações, apresentar as minhas ideias e explicar no que é que poderia ajudar o judo europeu. Voltei a ser eleita em dezembro de 2016 e não tenho nenhum objetivo específico.” Mas, neste momento, há um capital acumulado capaz de pagar dividendos no futuro. “Tenho algum reconhecimento internacional pelo meu trabalho entre os meus pares e as coisas que tiverem de acontecer acontecerão naturalmente. Estou satisfeita e tenho um vice-presidente com o qual tenho aprendido muito. Nos próximos quatro anos será assim e depois veremos.” O objetivo de Catarina Rodrigues permanece o mesmo de sempre: “Vou fazer o meu trabalho de forma competente, contribuindo para o desenvolvimento do judo, quer cá, quer lá fora. O futuro a Deus pertence”, conclui. ●



Tem 102 anos de vida e os seus atletas somam 52 participações em Jogos Olímpicos. A medalha de bronze de Nuno Delgado continua a ser a principal referência

O SPORT ALGÉS E DAFUNDO (SAD) tem 2.500 atletas em atividade, meia centena dos quais representam seleções nacionais de Portugal, ocupa 75 treinadores, mantém o considerável número de 10.000 associados e, aos 102 anos, continua a ser uma referência do desporto português.

Com uma forte ligação à história da participação de Portugal nos Jogos Olímpicos, o SAD já teve atletas olímpicos em Ginástica Rítmica, Judo, Natação, Polo Aquático e Vela, num total de 52 participações. Essa influência não passou despercebida ao Comité Olímpico de Portugal, nem ao Comité Olímpico Internacional, que lhe atribuíram, respetivamente, o Troféu Olímpico, em 1957, e o Troféu Desporto e Comunidade, em 2007. Isabel Ribeiro preside ao clube desde 2009, tendo sido a primeira mulher no desempenho da função, marcada pela comemoração do centenário, em 2015 – vai agora no terceiro mandato e sublinha a importância de tais distinções: “São muito importantes, nomeadamente para as gerações mais novas, que têm essa missão de dar continuidade ao prestígio que o clube tem a nível olímpico, porque esses troféus foram conquistados pelas gerações mais antigas. Temos a obrigação de manter o nível e esse é um desafio para os mais novos, de elevarem o nome do clube a um nível olímpico.”

SPORT ALGÉS E DAFUNDO

Gerações de olímpicos



Isabel Ribeiro preside ao clube

O ponto mais alto da ligação do SAD às missões portuguesas aos Jogos Olímpicos aconteceu em Sydney'2000. “O culminar foi exatamente com a conquista da medalha de bronze pelo Nuno Delgado. A partir daí não houve atletas com tão elevados resultados, mas continuamos a ter esse objetivo”, refere a presidente do SAD.

Os Jogos de Londres, em 2012, assinalam a última participação de um atleta do Algés, protagonizada por Arseniy Lavrentyev, o que não é entendido como um declínio por Isabel Ribeiro. “Não há uma regressão, há uma renovação. A questão é que a sede do clube esteve em obras, houve necessidade de deslocalização e ressentimo-nos. Houve uma recuperação, quer a nível de instalações, quer a nível de atletas, e temos uma nova geração muito promissora. Não nos podemos esquecer que nos últimos cinco anos temos uma média de mais de cem campeões nacionais, nas cinco principais modalidades do clube [Natação, Vela, Judo, Ginástica Rítmica e Basquetebol]. Isso dá-nos perspetivas de que estes jovens, entre os 16 e os 19 anos, venham a alcançar bons resultados e possam ter o culminar das suas carreiras numa participação olímpica.”

Miguel Frischknecht, treinador de natação, também tem uma visão otimista sobre o futuro do SAD. “Nos últimos Jogos Olímpicos o Algés não teve nenhum atleta representado e isso aconteceu pela primeira vez nos últimos 30 anos. O nosso objetivo é voltarmos a ter em Tóquio. Estamos numa fase ascendente em termos de resultados, não só na natação, como nas outras modalidades olímpicas.” Miguel Frischknecht sustenta a sua



Basquetebol e Natação são modalidades em destaque no Algés

em sucessão

opinião dando o exemplo da natação: “O Algés, neste momento, está entre as melhores equipas nacionais, depois de ter passado um período em que teve alguma quebra devido às obras realizadas e perdeu alguns nadadores, especialmente da formação. Agora está no top, juntamente com Sporting, Benfica e FC Porto. Em termos de atletas nas seleções nacionais e recordistas nacionais é o clube mais representado nos escalões jovens.”

Tradição familiar

O Algés possui igualmente uma forte componente familiar. “Existe a particularidade de termos atletas olímpicos na natação e de a filha ter sido olímpica na ginástica rítmica, que é o caso do Vaz Jorge e da Patrícia Jorge”, refere Isabel Ribeiro. “E temos já casos de netos de atletas olímpicos que estão a treinar no clube. É uma verdadeira família. E há a preocupação de os atletas serem completos, de experimentarem várias modalidades e encontrem a que mais se adequa às suas capacidades.”

Os futuros desafios do SAD têm sempre a sua vocação olímpica a enquadrá-los, segundo Isabel Ribeiro. “Há outras modalidades que não têm ainda uma expressão olímpica. No passado houve uma equipa olímpica de polo aquático e, neste momento, a atual está a fazer a sua progressão e ainda não existe essa expectativa. No taekwondo os nossos atletas também ainda são muito jovens. Nas modalidades de vela, natação, judo, ginástica

rítmica, aí, sim, existem fortes expectativas de num dos próximos Jogos Olímpicos o Sport Algés e Dafundo voltar a ter atletas ao mais alto nível, para representar o clube e o País.”

A missão do clube não se esgota na atividade desportiva e no passado houve mesmo uma escola com a marca SAD. “O Algés teve muita tradição no ensino, com um colégio em funcionamento”, explica a presidente. “Neste momento fazemos o acompanhamento escolar dos atletas. As carrinhas vão buscá-los às escolas, transportam-nos para o clube, onde existe uma sala de estudo. Depois fazem os seus treinos e regressam a essa sala de estudo. Há modalidades com muitas horas de treino e é importante que possa ser feito o acompanhamento escolar, para que possam ter um bom desempenho. Uma das características do clube é que os seus atletas normalmente têm desempenho escolar acima da média. Consideramos que é muito importante que o futuro do atleta fique assegurado não só com o desporto, mas também na parte social, com a sua integração em termos profissionais.”

Mas não só os atletas de topo são objeto de atenção. “Preocupamo-nos com todas as vertentes da educação, quer a nível cultural, quer a nível desportivo”, sublinha Isabel Ribeiro. “Tentamos que os atletas sejam o mais completos possível, quer atinjam o culminar de uma carreira desportiva, quer sejam medianos”, conclui a presidente do SAD. ●

PEDRO DIAS

“RECEITA QUE DÁ CERTO NO BRASIL PODE NÃO RESULTAR NO NOSSO PAÍS”

Judoca olímpico, medalha de bronze no Europeu de 2008, posteriormente treinador, emigrou para o Brasil, em 2011. De regresso a Portugal, diz ter muito a acrescentar ao desporto, num país onde a palavra crise deixou de estar presente em todas as conversas

Por que decidiu ir trabalhar para o Brasil?

Na altura, em 2011, foi quando surgiu a crise em Portugal e apareceu essa hipótese. Como gosto muito de aventuras, aceitei ir desenvolver projetos desportivos no Brasil. Sou formado em Gestão do Desporto, então formei uma empresa de eventos desportivos, para trabalhar principalmente com corridas de rua, mas também abri uma escola de judo, onde cheguei a ter 120 alunos e vários atletas medalhados no campeonato brasileiro, e até em provas internacionais.

Por que é que escolheu o Brasil? Pela questão da língua?

Sempre tive uma grande proximidade com o Brasil, é um país de que gosto muito. Havia outras hipóteses, como os Estados Unidos, a Índia, mas o Brasil, em termos culturais, era mais próximo. Foi uma experiência única, não estou arrependido de nada.

E por que é que voltou?

As saudades de Portugal já eram muitas e no Brasil estava um pouco limitado na minha ambição de crescer. As coisas vão acontecendo pouco a pouco. Já sou treinador das camadas de base do Sport Algés e Dafundo, que é o meu clube de sempre, e vamos caminhando com o objetivo de voar o mais alto possível.

Deixou um legado no Brasil?

Deixei. Na verdade, eu fui criando raízes, principalmente com os meus alunos, e só voltei quando tive a certeza que o trabalho podia ter continuidade. Durante algum tempo, procurei um professor que pudesse dar essa continuidade e numa primeira fase continuo como gestor, mas posteriormente a ideia é que ele caminhe por si. A semente fica lá, porque o desporto e os valores olímpicos não têm fronteiras. Agora espero plantá-la também em Portugal.

Escreveu nas redes sociais que é urgente fazer uma reflexão sobre a formação no judo português. Porquê?

Temos poucos praticantes de judo e de desporto na sua generalidade. Pode trabalhar-se bastante na divulgação, na parte da comunicação. Como não tenho ligações à Federação, nem ao Estado, estou a tentar fazer essas mudanças dentro do meu clube, ver o que é que dá certo e o que não dá,

porque estamos a falar de países diferentes. A receita que dá certo no Brasil pode não resultar no nosso país. Quero fazer essas experiências e depois tentar passá-las para os outros, porque o objetivo aqui é crescermos todos juntos. Eu não posso ser bom se as pessoas que me rodearem não forem boas também. Portugal é um país pequeno, mas isso pode ser uma vantagem, porque podemos ficar mais unidos.

Como é que vê o judo de alto rendimento? A única medalha de Portugal nos Jogos do Rio foi conquistada pelo judo...

A Telma Monteiro é uma pena que só agora tenha conquistado a medalha olímpica, porque já podia estar na terceira ou quarta, é uma atleta incrível. Agora, temos uma geração de grandes judocas, que, acredito, nos irão dar grandes alegrias. Mas, ao mesmo tempo, existe um grande fosso entre a elite e o resto dos atletas, e isso não é bom para a modalidade, tem de haver competitividade, para obrigar os atletas a não ficarem à sombra da bananeira, a quererem mais, a trabalharem mais. É fundamental criar uma equipa de elite mais competitiva, com vários atletas nos mesmos pesos.

Quais são os seus objetivos imediatos?

Fazer voltar o Sport Algés e Dafundo aos lugares cimeiros do judo português, que é onde merece estar e de onde nunca deveria ter saído. Somos o clube com mais história, em Portugal. E depois, quem sabe, subir e subir. Não tenho grandes ambições como treinador, gosto de trabalhar com a formação, dá-me prazer, só que eu gostaria de contribuir mais noutras áreas...

Tais como...

Gestão desportiva, administração, organização de eventos.

Trabalhando na Federação Portuguesa de Judo?

Na Federação, no Comité Olímpico, na Secretaria de Estado, numa câmara municipal, é isso que eu pretendo. Acredito que posso fazer a diferença nessas áreas.

Além do judo, por que outras atividades se interessa?

Na realidade, a minha vida passou-se sempre um pouco à volta do desporto, do judo em especial, mas eu sou um apaixonado por todas as outras modalidades. Vivi durante



Pedro Dias com alunos no Brasil e junto da família.

alguns anos no Centro de Alto Rendimento e acabei por ganhar uma paixão por outras modalidades, como o triatlo. Durante os Jogos Olímpicos, passo o dia inteiro em frente à televisão. Gosto de ver as notícias, de estar informado sobre o que se passa à minha volta; gosto de ouvir música; gosto de estar com a minha família e de receber pessoas em casa. A minha casa, que é em Portugal, este pequeno paraíso aqui escondido, atrai os meus amigos de todo o Mundo. Durante o verão, é um pequeno hotel.

No regresso, encontrou um Portugal muito diferente?

Sim, completamente. Quando saí as pessoas andavam cabisbaixas e a palavra comum a todas as conversas era crise, hoje não, as pessoas têm alegria, acreditam num futuro melhor. Parece que está tudo mais colorido.

Vem de um país onde a componente religiosa é muito forte, também é religioso?

Não. Tive uma educação católica, sempre estudei em colégios, só que em determinado ponto da minha vida tornei-me ateu. No Brasil, isso é meio complicado e quase tive de esconder esse facto. As pessoas até podem tolerar outras religiões, mas não uma pessoa que não tenha qualquer religião. Em Portugal somos mais abertos e eu respeito todas as religiões.

No que é que acredita?

Acredito no trabalho e na dedicação. Se uma pessoa tiver muita vontade e trabalhar, as coisas vão acabar por acontecer. Foi assim que aconteceu na minha vida enquanto atleta,

enquanto estudante e enquanto profissional. A minha religião é o trabalho.

É fã de comida gourmet e da moda de ir a restaurantes de chefs com estrelas Michelin?

Ah, ah... para falar a verdade, eu próprio sou o chef na minha casa. A minha mulher não cozinha, nós estávamos numa cidade do interior, Maringá, e não tínhamos grandes hipóteses de comer fora. Gosto de ir a tascas, a bons restaurantes, gosto de boa comida portuguesa.

Quais são então as suas especialidades enquanto chef?

Desenvolvi essa arte aos 16 anos, quando tinha competências ao fim-de-semana e os meus pais saíam. Eu tinha de me virar sozinho. A minha mãe, ao telefone, ia-me dizendo e eu fazia. Sei cozinhar quase tudo, embora tenha algumas dificuldades com o peixe. A minha especialidade é carne picada com esparguete.

Se lhe pedirem para fazer um roteiro para ir ao Brasil, o que é que aconselha? O que é que se deve visitar?

Ui... Florianópolis. É uma cidade incrível. Na verdade, é uma cidade que é uma ilha. Parece outro país. Infelizmente não representa aquilo que é o Brasil. O Rio de Janeiro é outra cidade incrível, com uma vida incrível, é pena a questão da criminalidade. De S. Paulo não sou assim tão fã, é uma cidade muito grande, é muita confusão, muita gente, deixame um bocadinho stressado. E o Nordeste é também muito bonito... Salvador. Gostei de Belo Horizonte e antes de vir também conheci o Pantanal, que é uma experiência única. ●



CARLA SACRAMENTO

Atenas representou o auge da carreira, o sentir a emoção de estar nos últimos Jogos Olímpicos, na cidade que me deu alegria a dobrar, depois de lá ter sido campeã do Mundo

BARCELONA 1992 foram os meus melhores Jogos Olímpicos. Com 19 aninhos, as expectativas eram de ilusão e concretizei um sonho. Lá acabei por bater os recordes nacionais, nos 800 e 1500 metros, apesar de não ter ido às finais.

Foi a primeira vez que em que se utilizaram os computadores para comunicar, como se faz agora com os telemóveis. Tínhamos um código (na acreditação) e dentro da aldeia olímpica comunicávamos entre nós. Foi bastante original.

Estávamos perto da praia e podíamos ir a pé ao restaurante, que abria 24 horas por dia. Era tudo muito variado, desde as pizzas à comida asiática. Havia concertos variados todas as noites.

Em Atlanta 1996 já não era assim. Lá, do que gostei mais foi de ter ido à final, onde fui 6.ª, o meu melhor resultado nos Jogos Olímpicos.

As distâncias eram maiores e tínhamos de apanhar um comboio para ir ao restaurante. Como não havia nenhuma estação ao pé do nosso alojamento, tentávamos apanhá-lo em andamento, o que originou uma lesão numa atleta que não pôde competir. Já não foi “tão emocionante” como em Barcelona. Antes de entrar na Aldeia Olímpica, nós, do atletismo, ficámos alojados num complexo desportivo, para podermos continuar a nossa preparação, distantes do ruído e fazer a adaptação ao “jetlag”. Também fiquei bastante emocionada com os concertos de “Gospel”: impressionantes, não perdia um.

De Sydney 2000 esperava mais, que era ganhar uma medalha. Recordo os bons momentos de convívio no refeitório. Foi emocionante, mas a viagem custou um pouco. E tivemos o “jetlag”.

Em Atenas foi estranho. Lá fui campeã do



BARCELONA FOI A ILUSÃO

Mundo, em 1997, e voltei para os Jogos de 2004. Foram sensações mistas. Sabia que era a minha última participação, fui à meia-final, mas não cheguei à final. Foram uns Jogos de passagem de testemunho a atletas mais jovens. Tentei aproveitar ao máximo, encarando tudo com calma, e sentir o ambiente.

Foram 16 anos de coisas novas. Em Barcelona foi a ilusão, a realização do sonho; em Atlanta foi a afirmação da mulher mais experiente, com a ida à final; em Sydney foi o meu ano, no qual não se juntaram todas as condições; e Atenas representou o auge da carreira, o sentir a emoção de estar nos últimos Jogos Olímpicos, na cidade que me deu alegria a dobrar, depois de lá ter sido campeã do Mundo. ●

A jornalista da RTP assume uma atitude contemplativa perante o desporto, confessando-se admiradora de futebol e da “extrema beleza” da patinagem artística



CRISTINA ESTEVES

“ADMIRO O ESPÍRITO DE SACRIFÍCIO E A TENACIDADE DOS ATLETAS”

Que relação tem com o desporto? É ativa ou contemplativa?

Definitivamente, sou contemplativa. Tentei por diversas vezes fazer desporto mas a falta de jeito impôs-se sempre. Restou-me a “correria” da profissão que abracei e a “ginástica” inerente a quem tem filhos. No meu caso, três...

É sensível à mensagem de que o desporto faz parte de um modo de vida saudável?

É um facto cientificamente comprovado que o ser humano necessita de se exercitar para ter uma vida mais saudável. Não há dúvida que essa mensagem tem surtido efeito tendo em conta o número de pessoas que vemos, mesmo em cidades, a fazerem jogging. Há uns anos era muito raro vermos pessoas a correr por esses passeios fora, agora é algo tão normal...

Que modalidade a atrai mais?

O futebol, até por toda a mediatização que envolve, é um desporto de massas a que poucos são indiferentes. Gosto de ver um bom jogo de futebol. Estive no Stade de France em trabalho na final do Euro 2016. Aquele ambiente coroadado com a vitória da seleção portuguesa é inesquecível e percebe-se bem as razões de um jogo conseguir despertar tanta paixão. Mas há outras modalidades que me fazem parar e sonhar. É o caso da patinagem artística. É de uma beleza extrema.

Quais são para si os momentos mais sugestivos da história dos Jogos Olímpicos?

Admiro o espírito de sacrificio, a força, a tenacidade dos atletas. As provas de atletismo, as vitórias de atletas portugueses como Rosa Mota ou Carlos Lopes, que subiram ao lugar mais alto do pódio, o hastear da nossa bandeira,

ouvir o hino nacional foram alguns dos momentos que nos encheram de orgulho e que nos une como pátria. A velocidade de Usain Bolt, a invencibilidade de Michael Phelps, o esforço dos nossos atletas, por exemplo, da canoagem, protagonizaram provas a que assisti na maioria das vezes. São únicos.

Alguma vez se projetou na identidade de um grande campeão?

Não seria capaz. Fico apenas a contemplá-los, a admirá-los.

Vê-se no papel de repórter de um acontecimento desportivo? Ou a narrar o direto televisivo de uma competição?

A área desportiva não é a minha praia. No entanto, julgo que me veria no papel de repórter de um acontecimento desportivo mas não teria pretensão de narrar o direto televisivo de uma competição.

Como observa a glória que é dispensada aos vencedores e o tratamento dado aos vencidos?

Sempre foi assim. A história parece só ter lugar para os vencedores mas no caso dos Jogos Olímpicos só a participação significa uma vitória para grande parte dos atletas. É chegar a um patamar só acessível a quem tudo dá em troca de um sonho.

O desporto é um lugar de união?

O desporto deveria ser um lugar de união. O espírito dos Jogos Olímpicos é precisamente de união, de *fair play* mas infelizmente nem sempre é esse o espírito presente em atletas, clubes, dirigentes desportivos e adeptos. Ao assistirmos a imagens de violência física ou verbal em competições concluímos que ainda nos falta crescer tanto... ●



OUTUBRO

2 a 8 GINÁSTICA

Campeonato do Mundo de Ginástica Artística, Montreal, Canadá

8 ATLETISMO

Maratona de Chicago, Estados Unidos

7 FUTEBOL

Apuramento para o Mundial 2018:

Andorra-Portugal

10 FUTEBOL

Apuramento para o Mundial 2018:

Portugal-Suíça

14 TRIATLO

Campeonato Mundial Ironman, Hawaii

15 NATAÇÃO

Taça do Mundo de águas abertas, 10 km, Chun'na, China

15 TIRO COM ARCO

Campeonato do Mundo, Cidade do México

18 a 22 JUDO

Campeonato do Mundo de juniores, Zagreb, Croácia

19 a 22 GINÁSTICA

Campeonato da Europa de acrobática, Rzeszow, Poland

21 NATAÇÃO

Taça do Mundo de águas abertas, 10 km, Hong Kong

21 a 23 CANOAGEM

Taça do Mundo de maratona, Shaoxing, China

23 a 29 TÊNIS

WTA Finals, Singapura

23 a 30 TIRO

Final da Taça do Mundo

25 XADREZ

Campeonato Europeu de equipas, Halkidiki, Grécia

27 a 29 JUDO

Grand Slam de Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos

28 a 29 ESQUI ALPINO

Slalom gigante de Soelden, Áustria

NOVEMBRO

5 ATLETISMO

Maratona de Nova Iorque, Estados Unidos

9 a 12 GINÁSTICA

Campeonato do Mundo de trampolins, Sofia, Bulgária

9 a 11 EQUESTRE

Global Champions Tour, Doha, Qatar

10 a 12 TÊNIS

Final da Fed Cup

12 a 19 TÊNIS

ATP World Tour Finals, Londres

16 a 19 GOLFE

World Tour Championship, Dubai, Emirados Árabes Unidos

18 a 19 CANOAGEM

Campeonato do Mundo de provas de mar, Hong Kong

24 a 26 TÊNIS

Final da Taça Davis

28 HALTEROFILISMO

Campeonato do Mundo, Anaheim, California



DEZEMBRO

1 a 3 JUDO

Grand Slam de Tóquio, Japão

1 a 17 ANDEBOL

Campeonato do Mundo (feminino), Alemanha

2 a 3 TAEKWONDO

Final do Grand Prix, Abidjan, Costa do Marfim

9 a 17 SQUASH

Campeonato do Mundo, Manchester, Inglaterra

10 ATLETISMO

Campeonato da Europa de corta-mato, Samorin, Eslováquia

13 a 17 BADMINTON

Final das Superseries, Dubai, Emirados Árabes Unidos

13 a 17 NATAÇÃO

Campeonato da Europa de piscina curta, Copenhaga, Dinamarca

14 a 17 TÊNIS DE MESA

Final da Taça do Mundo

Utiliza as **vantagens**
do Cartão COP
e **apoia os atletas** da tua
Federação/Modalidade.

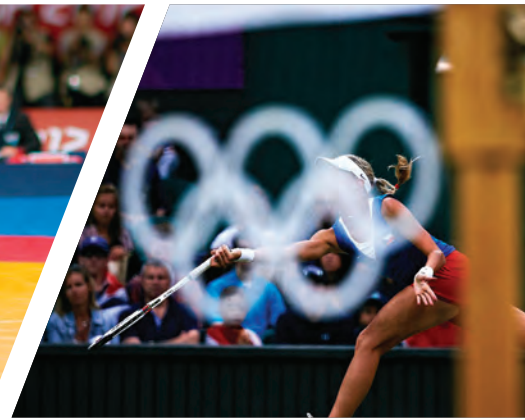
**PEDE JÁ O TEU CARTÃO ATRAVÉS
DA TUA FEDERAÇÃO.**



repsol.pt
comiteolimpicoportugal.pt



THOUSANDS
COMPETE



MILLIONS
PLAY

BILLIONS
ARE INSPIRED



THANKS TO OUR
OLYMPIC PARTNERS



THE WORLDWIDE OLYMPIC PARTNERS

